

# A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 49 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 23 de Abril de 1925

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34

MINERVA RIBEIRO — Guimarães

## MANIA

Se há na Europa povo avesso a ditaduras ou tiranias de qualquer espécie, se há nação incapaz de sofrer por muito tempo despotismos ou autoritarismos de qualquer natureza, esse povo, essa nação somos nós. Nenhum outro tem dado tantas provas de amor à liberdade, nenhum outro tem feito tantos sacrificios para a manter, uma vez conquistada. Não mente a História quando o atesta com irrefutáveis documentos dos tempos remotos, nem mentem os factos em nossos dias passados e que à História pertencem já. E, para me reportar só a estes últimos, citarei aqui dois, que me parecem de todos conhecidos, a tão curta distancia estão de nós, a situação Pimenta de Castro e o chamado sionismo, duas situações políticas abertamente dictatoriais, dos quais nada de útil resultou, antes pelo contrário, pela maneira como contribuíram para a exacerbação das paixões políticas, que com elas atingiram rara agudeza, e para a nossa intranquillidade social — confusão, como outros lhe chamam — que nelas tiveram eficaz agente. São factos de há dois dias os que aponto e as suas consequências políticas e sociais bem palpáveis, sem margem a duvidas. Pois, apesar disso, apesar de todos esses testemunhos não falta por aí quem continue a clamar que necessitamos de um governo autoritário. Se os exemplos de casa não bastassem para demonstrar o que há de falível em tal afirmativa, bastaria que, pondo de parte a indole diversa dos diversos povos, olhassemos com mais cuidado para o que se passa na casa do visinho.

Governos autoritários teem-nos a Espanha e a Italia e ninguém vê que elles consigam resolver, pelo menos, aqueles problemas magnos que assoberbavam e assobervam as respectivas nacionalidades. A Espanha de Primo de Rivera é a mesma dos governos constitucionais com a agravante de ter em pior

pé o chamado problema da ordem, o mesmo problema que o dictador italiano não consegue resolver, por mais esforços nesse sentido feitos. Governos autoritários, para quê? Só pelo facto de meia duzia de bandidos se atrever a atacar os bancos devemos nós gritar por um dictador?

Lá por haver um grupo de desequilibrados que em pleno dia mata e assalta, segue-se que nos devemos ir todos a gritar pelos processos de Pina Manique? Factos desses dão-se em todos os países, mesmo nos que teem governos autoritários, e não consta que a imprensa indigena proceda como em parte procede a nossa, que em normando avantajado dá aos quatro ventos a noticia de que isto é a autêntica Calábria, um país onde o roubo e o assassinio são coisas triviaes, nem pede outra coisa que não seja a rigorosa applicação da lei. Não vemos que por tal motivo se evoque a memória de Sylla nem se façam hinos ao cacete do sr. D. Miguel; nem vemos que á sombra desses delictos se gerem as campanhas facciosas contra o prestigio das autoridades, das leis e dos poderes constituídos.

Isso vê-se entre nós, em certa imprensa, que não perde ensejo de fazer o seu jogo político, á qual convém a cecifusão, á perturbação e a desconfiança, cá dentro e lá fóra. É urgente que se ponha cõbro ás façanhas dos criminosos; mas, para isso, basta a lei e a policia. Se a decontada brandura dos nossos costumes nos não deu leis que de pronto remedeiem o mal, que o Parlamento as vote e os tribunais as cumpram e breve veremos o mal extirpado, sem ser precisa a mobilização de tropas, como nos santos tempos do José do Telhado ou do João Brandão.

Ora, pois... Teria graça vêr o sr. Cunha Leal dictador para prender o Avante...

Já é mania!

DÓRIO.

## A Conferencia do

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo d'Almeida

Como havia sido previamente annunciada, no passado dia 15, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo d'Almeida realizou a sua conferencia na sede da Associação Commercial e Industrial, desta cidade. Descrever o que foi essa hora de beleza e de romantismo ou tentar a escalpelização do *sonho da Sombra*, estudando-o profundamente, torna-se-nos impossivel.

Colorir o amontoado de peccados, esfumilhando com arte a confissão de um todo, ou interpretar essa madrugada mauavihsosa de mais sol e mais perfumes, parece-nos tola pretensão.

O cachoar das rebeldes paixões provocadas pela leitura, os instantes de incerteza e o dealbar de novas paixões trazidas pela nova época, estabelecida ainda em tese a julgada questão da vida e realizada com surpreendente sciencia a demonstração do problema da morte, numa evolução determinada de compreendida fantasia, evocam uma illuminura de sombras felizes a correrem a ronda do sonho.

A ternura do silencio rítmico e fantasista ou o dormir do proprio ser no arranjo consciente de sonho, arrepiando o pudor instintivo e a inconfidencia, alumiados pela vermelhidão dum brasido de lareira, provocam a funda expressão de cor e beleza, a concepção da emotividade forte e cantante.

O Amor e a Dôr confundindo-se em múltiplos pensamentos, dadas as mãos em harmoniosa attitude, criam imagens que são ilusões ou realidades a desvendarem uma melancolia profunda, vibrátil, nervosa, estilizada e impulsiva — fado sentimental a correr um Passado de atraente loucura...

E se não fóra o receio de apoucar o génio do ilustre escritor vimaranense — incompreendido receio (!) — elevariamos o seu profundo saber ao ponto de culminancia a que tem jús e recordariamos a ingratição da terra que nem sequer o compreende.

## De papo inchado

Era vê-los, de papo inchado, os talasões da terra.

—A Republica está-nos no papo, proclamavam, com os olhos em alvo, antevendo as delicias duma nova Traulitania e dum novo Eden.

E nós riamos com desprêso, se não com nojo.

Riamos dêles, pobres pescadores de águas turvas, covardes incapazes dum passo dado a peito descoberto, sómente capazes de manejar a mentira, a traição e... a navalha.

## Imitações POR

II

Jorge Ramos

### Na hora suprema da Pátria

(Imitação a Antonio Correia d'Oliveira)

Pinheiros de cruz ao alto,  
com pálios de cruz em grita!  
Onde ides de chapéu alto,  
de badine e de labita?!

Montanhas de mãos erguidas  
apontadas para o espaço!  
Onde ides tão delambidas  
e de sombrinha no braço?!

Regatos, meigos lausp'renes,  
incensos de cantochão,  
onde é que ides de *mitaines*  
e com meias de algodão?!

III

Paródia

a Guerra Junqueiro

A troça, antiga crença, imensa e triunfal,  
é velha como o rir alvar de Juvénal,  
d'Orestes e Platão. Joanna, a tal papisa,  
que usava o soliden por baixo da cumisa  
«e que ao mundo deitou um papa feito  
infante»,  
numa praga cruel, maldita e eruciante,  
por pouco que ao tomar o báculo e a  
estola  
não rebentou a rir de tiara na tola!

## GUIMARÃES

### e a sua administração municipal

Com este titulo publica no seu ultimo número, os «Ecos de Guimarães», um artigo em que mostram pretender atacar a Câmara deste concelho, naturalmente como preparação para a sua campanha eleitoral.

São muito infelizes na escolha do assunto e nos factos que apontam, todos de sua pura invenção.

Começam mal, procurando descobrir nos actos da Câmara argumentos para a sua propaganda, porque na administração municipal só poderão encontrar honestidade e muito trabalho em beneficio do concelho. Colocam-se pessimamente, falseando os factos, porque a verdade é sempre facil de se demonstrar.

O que a Câmara tem feito relativamente a concertos e alargamentos de caminhos rurais é facil de se verificar pelas actas das suas sessões, pelas contas do municipio e pelos respectivos autos de arrematação e liquidação de obras. Consultem os «Ecos» estas fontes de informação e só depois poderão com a correcção própria de quem preza o seu caracter fazer uma critica que nos possa merecer respeito.

Não basta também afirmar que a Câmara tem criado receitas ilegais. É preciso demonstrá-lo e explicar porque é que contra essas ilegalidades se não protesta perante os tribunais. E onde pára a minoria monarchica que não vai combater essas ilegalidades?

Nada tem a Câmara com as resoluções governamentais sobre os liceus do país. A lei apenas lhe concede o direito de petição e desse tem usado sempre que o julga util. E, sobre liceus, não deveriam ignorar os «Ecos», que tanto se interessam por esse assunto, que na ordem do dia da Câmara dos Deputados ha meses que figura em primeiro lugar um projecto de lei que os coloca na sua situação anterior. Outros assuntos tem tido o Parlamento para resolver que julga mais urgentes. Que querem os «Ecos» que a Câmara faça?

A affirmação de que a Câmara tem criados lugares é igualmente

destituída de fundamento. Pelo contrário, teem vagado lugares que se não teem preenchido.

Misturar linhas telefónicas e edificios do correio com actos de administração municipal é ignorância ou desejo de empoeirar os olhos do público. As linhas telefónicas, porém, merecem tanto interesse á Câmara que, da sua parte, já fez tudo o que lhe era possível fazer. Resta agora, somente, que os «Ecos» tenha paciência de esperar algumas semanas, o que não será muito para quem, já no tempo da monarchia, esperou tanto ano. Os correios também terão casa se, pela que lhes está destinada, não se continuar a exigir um preço exagerado e houver possibilidade de que os proprietarios esperem pelo inicio do proximo ano económico para o receberem.

O médico municipal das Caldas das Taipas foi nomeado, legalmente, em concurso publico, em que só o nomeado concorreu, mostrando pela documentação junta ao processo satisfazer a todas as condições legais para ser nomeado. O facto de ter sido vereador, aprendam os «Ecos», não impedia a sua nomeação; apenas esta o inibe de continuar a exercer as suas antigas funções de vereador. Com a subdelegacia de saúde e os contratos de médicos para regimento nada tem as Câmaras; aprendam-no também os «Ecos».

O tanque publico e lavadouro na estrada da Penha, modestissima construção para aproveitamento de águas sobejas, pode beneficiar correligionarios e amigos dos «Ecos»; mas, por certo que nada beneficia o presidente da Comissão Executiva que, e bem se vê da estrada, tem tanques e agua de sobra.

Também dizem os «Ecos» que a estrada da Penha foi feita para servir o mesmo presidente; que lhe respondam aqueles que, ainda o presidente não era nascido, já se cançavam de pedir ás vereações monarchicas a construção daquela estrada, como constituindo um melhoramento de extraor-

## Aos fundadores e colaboradores de "A Razão,"

Por ordem do Ex.<sup>mo</sup> Dr. David d'Oliveira, convidam se os fundadores e colaboradores deste jornal a assistirem a uma reunião que se efectuará no dia 30 do corrente, na sede do Centro Republicano, desta cidade.

Guimarães, 19 de Abril de 1925.

De beija...

As novas da nova victoria da Republica, deixava-os incredulos. Os talasões agarravam se nos mais mesquinhos subterfugios, na esperanca duma mudanca de situacao donde adviesse a derrota das tropas republicanas.



Patife

Anda para si um certo patife, que muito bem conhecemos, a apregoar que foram os bandidos da Legião Vermelha quem sufocou a revolta.



O P. p'ra Santa, aconselha o assassinato

O grande C. C., borrador do «Ecos», pretendendo a segurança dos conservadores contra a Legião Vermelha, aconselha o assassinato dos republicanos.

Já os sabíamos capazes de todas as infamias, mesmo capazes de matar ou mandar matar. Mas patife, tem cautela, porque poderemos escrever a história da «nobreza» de Guimarães.

E que linda história! Por bem saber um capítulo dessa história é que o Zéinho de Cegado, após longos anos de degrado em Africa, se suicidou!

Vox populi, vox Dei.

ELEIÇÕES

Aproximam-se as eleições. Dizemo-lo sem consultar as folhinhas, certos disto como de 2 e 2 serem 4, só pela prosa do «Ecos». Aquele artigo furioso em que ele se atira á actual vereação é prova disso.

No entender do nosso colega — vá lá de barato o entendimento — nunca o concelho esteve tão mal servido. Isto é o «caos, a miseria, a porcaria, a vergonha!». Assim mesmo. O articulista não está com meias medidas... Rapa da pena e... toma que te dou eu com os olhos fechados. Nunca tivemos Câmara tão reles!... Não se tem feito mesmo nadinha e aqui desata o nosso homem a abarrotar de bairrismo e a chorar pela sorte das estradas e das freguesias rurais, a chorar e a armar aos votos, que até faz dó. Coitadinho!

Ele que nunca fez nada na sua vida, a não ser negar o que os outros fazem; éle que

dinaria importância para esta cidade; que lhe respondam também todos os que viram que a casa ou chalet a que os «Ecos» se referem foi construída já depois da estrada terraplanada.

E, por ultimo, até as obras do Centro Republicano, obras de uma entidade particular que não tem que dar satisfação dos seus actos aos «Ecos», servem para recheiar o seu artigo de ataque á obra da Câmara!... Ora, bolas!

E é assim que se inicia uma campanha eleitoral! Com mentiras e trapallices de tal jaczi!...

passou a vida a contemplar a avoenga muralha; éle que não sabe o que a Câmara já fez no Liccu e pensa fazer á corporação dos Bombeiros; éle que está a fazer vista grossa — seu mausinho — faz também da pena fueiro e toca de tirar notas fortes do lombo do carapetao!... O pior é se lhe estala o coiro... ao bombo, é claro. Que peste aí não iria?!

Que diacho. O seu a seu dono. A verdade é que a apaixonada arenga é injusta. A Câmara actual não merece tão duro tratamento. Poderia fazer mais do que o que tem feito? Não sabemos. Talvez o articulista o saiba. Mas daí até dizer que ela não tem realizado nada, é querer meter-nos os dedos pelos olhos dentro. A nosso vêr, há muito tempo que Guimarães não é cuidada com tanto carinho pelos seus édis. Tudo a um tempo é impossível. De vagar, mas andando sempre. Assim é que está certo, embora o contrário fôsse mais do agrado do «Ecos».

A' volta de uma corrida

Realizou-se no dia 13 do corrente uma corrida de bicicletas, promovida pelo A. S. C. e que, em virtude da maneira rija como foi disputada, entusiasmou a velha cidade de Guimarães.

Não era meu propósito tocar neste assunto. Para isso, tem «A Razão» um cronista desportivo, que tem sabido apreciar com a necessaria imparcialidade todos os acontecimentos sportivos. Porém, o «Ecos de Guimarães» publicou uma apreciação a essa corrida, feita por um membro da Direcção do A. S. C. que necessita de uma resposta.

Na qualidade de capitão-geral do Victoria, e interinamente, compete-me dirigir tecnicamente todos os sports pelo Victoria praticados, até uma melhor organização que descentralize os vários ramos de sport.

Nestas condições, eu venho apresentar um absoluto desmentido a todas as insinuações tolas e más do sr. Sergio Vidal:

1.º Nunca ninguém do Victoria declarou que a corrida fôsse mal organizada, ou disputada menos lealmente pelo Atlético. Somente não concordei e o declarei ao sr. Manuel Moreira, juiz da corrida e vice-presidente do Atlético, que comigo concordou, que o ponto de saída não fôsse o da chegada e com a meta mais visível, a fim de evitar enganar, como o que aconteceu ao corredor n.º 13.

O facto de um corredor do Atlético se ter atravessado menos lealmente e proximo da meta a um corredor do Victoria, não quer dizer que o Atlético tenha sido menos leal. Repito, o Atlético disputou lealmente a corrida, assim como o Victoria a disputou com igual lealdade;

2.º E' absolutamente falso que qualquer dos corredores do Victoria fôsse auxiliado pelos automoveis que acompanharam a corrida;

3.º E' absolutamente falso que qualquer automovel com socios do Victoria, prejudicasse proposadamente qualquer corredor de outro club.

Parece-me que, assim, ficam desfeitas todas as insinuações lançadas pelo sr. Sergio Vidal no «Ecos».

Gervasio Martins Campos de Carvalho.

Propagai «A Razão»,

SOCIEDADE POR QUOTAS

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 7 do corrente mês, lavrada no cartorio do notario abaixo assinado, se constituiu entre Amadeu Constante Penafort, Joaquim Penafort Lisboa e Domingos Pereira Mendes uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos seguintes artigos:

1.º A sociedade adota a firma Amadeu C. Penafort, Limitada, tem a sua sede na rua Paio Galvão, desta cidade de Guimarães, o seu objecto é o commercio de representações, comissões e consignações ou qualquer outro em que de futuro os socios acordem, excepto o bancário, e a sua duração é por tempo indeterminado, considerando-se iniciada, para todos os efeitos, no dia primeiro do corrente mês de Março.

2.º O capital social é de trinta mil escudos, dividido em quotas iguais pelos três socios, e acha-se integralmente realizado.

§ unico. Por comum acôrdo dos socios poderá o capital ser elevado.

3.º Não serão exigidas prestações suplementares, mas qualquer dos socios poderá fazer supprimentos á caixa social, recebendo um juro igual ao estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos.

4.º A gerencia fica a cargo de todos os socios, sem caução, bastando a assinatura da firma por um deles para obrigar a sociedade. Todavia para o socio Domingos Pereira Mendes o exercicio de gerente é facultativo.

5.º Quando qualquer dos socios uze da firma para assuntos estranhos á sociedade, responderá para com esta pelos prejuizos que por esse facto lhe advenham.

6.º Os balanços serão fechados em trinta e um de Dezembro de cada ano, e os lucros verificados dividir-se-hão pela forma seguinte: cinco por cento para o fundo de reserva legal; dez por cento para um fundo de reserva especial destinado á adquisição dum edificio proprio para o ramo do commercio que a sociedade tem por objecto até

que esse fundo atinja a importancia de cincoenta mil escudos, e a parte restante para ser repartida pelos socios, de maneira que dela fica pertencendo ao socio Amadeu Constante Penafort quarenta e cinco por cento, ao socio Joaquim Penafort Lisboa trinta e cinco por cento e ao socio Domingos Pereira Mendes, vinte por cento. Se houver prejuizos, serão suportados pelos socios em partes iguais.

7.º Entre os socios pode fazer-se livremente a cessão de quotas, só sendo permitida a estranhos quando os socios as não queiram.

8.º Pelo falecimento ou interdição de qualquer socio será dissolvida a sociedade e os socios sobreviventes ou capazes pagarão aos herdeiros do falecido ou ao representante do interdito a parte que lhe respeita pelo ultimo balanço, acrescida do seu quinhão no fundo de reserva, vencendo tudo um juro igual ao estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos, o qual será contado desde a data desse balanço até ao dia em que se efectuar esse pagamento, que não poderá ir além de seis meses após o falecimento ou a interdição.

9.º As importancias do fundo de reserva legal e do fundo de reserva especial e bem assim as arrecadadas na caixa que não sejam necessarias ao movimento dos negocios sociais serão depositadas em qualquer Banco ou casa de crédito de confiança.

10.º As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas restando dirigidas aos socios com a antecedencia pelo menos de quinze dias.

11.º Os socios renunciam por si, seus herdeiros e sucessores ao direito de requerer a imposição de selos e arrolamento nos bens sociais.

12.º Em todo o omisso regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicavel.

Está conforme. Guimarães, 7 de Março de 1925.

O Notário, Francisco Moreira Sampaio.

VENDEM-SE

Duas motocicletas com side-cars, uma «Indian» — 1919 e outra «Excelsior» — 1924. Estado novo.

Vêr na Rua 5 de Outubro, 8 — Guimarães.

CONCURSO

(2.ª Publicação)

A Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga, abre concurso documental por espaço de 30 dias, a contar da ultima publicação do presente anuncio para o preenchimento do lugar vago de Aferidor de Pesos e Medidas, deste concelho, com direito ao vencimento anual de 180\$00 escudos e ajuda de custo de vida tambem anual — transitoria — de 2.820\$00.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretaria da Câmara Municipal, dentro de aquelle praso, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pelo decreto regulamentar de 24 de Dezembro de 1892 e documento de habilitação nos termos dos decretos de 30 de Outubro de 1868, 24 de Julho de 1886 e regulamento de 23 de Março de 1869.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor.

Guimarães, Secretaria da Câmara Municipal, 27 de Março de 1925. E eu, José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Executiva.

Mariano da Rocha Felgueiras.

F a f e

HOTEL CENTRAL

(Antigo Hotel Felismina)

Por acordo de todos os herdeiros, este conhecido Hotel continuará a funcionar com todas as suas secções e com a docaria anexa, onde se continuará tambem a fabricar o apreciado pão de ló, sob a direcção do herdeiro Teodoro da Silva e Castro, que espera continuar a receber as ordens dos seus amigos e fregueses

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavalatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

«A Bazão»,

Ex.º Sr.

Conferencia camiliana

Torna-se-nos impossivel fazer, neste numero, uma referencia aliás justa a um trabalho de subido valor intelectual sobre Camilo, do sr. dr. A. Veloso d'Araujo, prometendo fuz-lo no proximo numero mais detalhadamente.

Crónica Sportiva

Por absoluta falta de espaço, só no proximo numero faremos referencia sobre a «Corrida de Bicycletes», promovida pelo A. S. C. desta cidade, e ainda outras noticias sportivas, pelo que pedimos desculpa aos leitores destas Crónicas.

AMADEU C. PENAFORT, L.ª

Agentes da «The Northern Assurance Company, Ltd.,»

para os Concelhos de Guimarães, Fafe, Famalicão e Santo Tirso, fazem saber aos Il.ºs Srs. Mendes & Freitas, Limitada, que já estão habilitados a proceder á liquidação do sinistro que ocorreu no estabelecimento dos referidos Srs. na madrugada de 15 do corrente, convidando-os, por isso, a comparecer imediatamente no seu escritório para se proceder aos necessarios trabalhos de apuração de responsabilidades. Guimarães, 16 de Abril de 1925.

Amadeu C. Penafort, Limitada.